



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

As noções de poesia e de língua propostas por Jacques Derrida: uma análise preliminar¹

Nivana Ferreira da Silva (UESC/ICV)²

Élida Paulina Ferreira (UESC)³

Resumo: Este artigo visa apresentar os resultados parciais do trabalho de Iniciação Científica intitulado “A Poesia e Língua em Jacques Derrida”. Nesse sentido, por meio da pesquisa de cunho bibliográfico e da metodologia interpretativa, foi realizado um levantamento preliminar acerca da noção de poesia e do conceito de língua propostos pelo filósofo francês, respectivamente, nas obras “Che cos’è la poesia?” (Derrida, 1988) e “A Língua não Pertence” (DERRIDA, 2001). Foram investigadas questões referentes ao gênero poético em Derrida, bem como o sentido da comparação feita pelo estudioso entre a poesia e o ouriço, animal mamífero que possui o corpo coberto de espinhos. Particularmente, o autor faz essa reflexão para discutir a impossibilidade de definição da poesia pela apropriação de sua essência. Além disso, atentamos para a concepção derridiana de língua que, embora esteja sujeita a transformações e manipulações diversas, não permite que se apropriem dela, ou seja, nunca pertence.

Palavras-chave: Poesia; Significado; Língua; Jacques Derrida.

1. Introdução

¹ Trabalho referente aos resultados parciais da pesquisa de Iniciação Científica (ICV/UESC) intitulada “A Poesia e Língua em Jacques Derrida” (2011-2012).

² Discente do curso de Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz. Pesquisadora voluntária do projeto de Iniciação Científica “A Poesia e Língua em Jacques Derrida” (2011-2012).

³ Professora adjunta do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz. Coordenadora do projeto de pesquisa “Linguagem e Representação em Jacques Derrida/CNPq. Orientadora do projeto de Iniciação Científica “A Poesia e Língua em Jacques Derrida” (2011-2012).

IV **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

Desde as contribuições de Ferdinand de Saussure, o campo dos estudos da linguagem tem apresentado questões de múltiplas naturezas. Com relação aos estudos contemporâneos, sobretudo de cunho pós-estruturalista, observa-se a necessidade de se tratar a linguagem considerando a multiplicidade dos sujeitos, bem como seus discursos e a heterogeneidade dos sentidos produzidos.

Nessa direção, encontramos as contribuições da filosofia do francês Jacques Derrida, que trazem consequências fundamentais para a reflexão em torno das noções de língua, de leitura, escrita, tradução e, até mesmo, nas definições do que vem a ser poesia. Sob essa perspectiva, é importante lembrarmos que as reflexões derridianas estão voltadas para a crítica ao modelo de signo saussuriano e colocam em questão a chamada metafísica ocidental, bem como promovem uma ruptura com o modelo logocêntrico e fonocêntrico de língua e linguagem.

Essa crítica leva até as últimas consequências o arbitrário do signo saussuriano e a impossibilidade de um sentido fixo em seu significante. A relação significado/significante é repensada por Derrida (1973) e, a partir daí, o filósofo propõe uma engenhosa teorização sobre o caráter múltiplo e disseminante da significação em torno do que ele chamará de Gramatologia e de *différance*.

A particularidade da filosofia derridiana que nos é mais cara diz respeito ao papel que a língua desempenha na constituição do saber e de sua “verdade”. Para Derrida, não há teorização que não sofra os efeitos do caráter diferente e diferencial da língua. Por isso, sua obra é bastante marcada pela temática da língua/linguagem e pela crítica às noções de verdade. Podemos ir além e dizer que a linguagem não é mera ferramenta e todas as operações de leitura, de escrita e de tradução estão comprometidas com a disseminação de sentido aludida anteriormente.

Daí parte o interesse em refletir sobre os impactos e as consequências, para os estudos da linguagem no cenário contemporâneo, das invenções derridianas em torno das temáticas da poesia e da língua. Assim, ao considerar aqui as noções concernentes ao poético e a aquilo que a língua na verdade não é, problematizamos as posições inovadoras de Jacques Derrida, as quais abalam os conceitos de estrutura, de estruturalismo e apontam para uma perspectiva desconstrutiva da linguagem.

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

2. Afinal, que coisa é a poesia?

Em “Che cos’è la poesia?” (1988), texto que foi publicado primeiramente em uma revista italiana intitulada “Poesia”⁴, o filósofo francês Jacques Derrida tece considerações acerca da poesia, assim como discorre sobre a origem e a finalidade do fazer poético. Para responder ao questionamento que intitula a sua obra, o autor, inicialmente, pede ao leitor que renuncie ao saber sobre poesia, sacrifício necessário para a compreensão da resposta apresentada.

Derrida elabora a definição de poesia a partir de uma figura de linguagem, a qual é utilizada no decorrer de todo o texto. Na suposta conceituação do gênero poético, o autor refere-se, metaforicamente, ao “el erizo” (s/d p. 42), ou ouriço, animal mamífero que possui o corpo coberto de espinhos em seu dorso⁵. Trata-se, então, do “[...] animal jogado no caminho, absoluto, solitário, enrolado em uma bola próxima a si [...]” (DERRIDA, s/d, p.42, tradução nossa), ou seja, a morfologia do ouriço, comparada a poesia, define essa como algo complexo, envolto em si mesmo, mostrando-se e recolhendo-se quando tocado.

A partir dessa imagem, dois axiomas, interdependentes, concernentes ao poético, são apontados por Derrida. O primeiro deles diz respeito à economia da memória, já que um poema deve ser breve. O segundo axioma, atinente ao coração, não está relacionado, simplesmente, ao órgão muscular dos registros cardiográficos ou dos saberes filosóficos e científicos. Refere-se, por sua vez, ao coração relativo à expressão “*apprendre par coeur* [aprender de memória]” (DERRIDA, s/d, p.42), a qual, independente do idioma, exprime a mesma ideia, isto é, corresponde a “um único trajeto de múltiplas vias” (DERRIDA, s/d, p.42, tradução nossa). Em português, temos a expressão

⁴ Informação disponível em <<http://www.wook.pt/ficha/che-cos-e-la-poesia-/a/id/108169>>. Acesso em 14 de setembro de 2011. Foi utilizada neste trabalho a versão em espanhol de “Che cos’è la poesia?” disponível em: <<http://www.jacquesderrida.com.ar/textos/poesia.htm>>. Acesso em 14 de setembro de 2011.

⁵ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=ouriço> . Acesso em 14 de setembro de 2011.

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

latina “aprender de *cor*”, que tem o mesmo sentido levantado pelo escritor francês e traz, na base da significação, o “coração”, tal como teorizado no texto original.

Dessa perspectiva, o poético é aquilo que se deseja aprender de alguém por meio do coração e, assim como a tradução, a poesia faz um percurso que não é finalizado, ou conforme questiona Derrida:

E já não é isso o poema, quando se oferece uma garantia, a chegada de um acontecimento, no instante em que a travessia do caminho da chamada tradução permanece tão improvável como um acidente, apesar de ser intensamente sonhada, requerida ali, onde o que é prometido por ela sempre deixa algo a desejar? (DERRIDA, s/d, p. 43, tradução nossa)

Nota-se, então, que a tentativa de tocar o poético provoca uma retração, o que corresponde ao recolhimento do ouriço, isto é, ao próprio comportamento natural do animal e da palavra. Dessa forma, a poesia, bem como a língua, resiste à apropriação, seja na escrita, na leitura ou na tradução.

Essa ideia fica bem explicitada no texto quando o autor aponta que o animal fica exposto a um acidente na rodovia, do mesmo modo que a palavra se expõe quando vem do coração e torna-se poema. Simultaneamente, o mamífero, em situação de perigo, se protege sob a forma de um novelo, assim como a palavra “recolhe-se” quando tentam manipulá-la. Esse “novelo”, ao qual Derrida faz referência, está relacionado à origem do poético e de seu sentido, em que o corpo e a letra estão absolutamente indissociáveis de maneira a compor uma forma única.

Essa composição inseparável é aprendida *par coeur*, pois o poema é definido pelo autor como uma invenção do coração, que associa o sentido à letra e permite, naturalmente, a composição do ritmo. Vale dizer, que a relação entre significado e significante ou, como afirma o filósofo, entre letra e sentido, é da ordem de um acontecimento não simplesmente racional e presente.

Continuando sua argumentação, o estudioso francês também reafirma a importância do esquecimento daquilo que já é sabido sobre a poesia, dirigindo-se ao leitor da seguinte maneira: “[...] será necessário dismantelar a memória, desarmar a cultura, esquecer o saber, incendiar a biblioteca das poéticas. A unicidade do poema depende desta condição.” (DERRIDA, s/d, p.43,

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

tradução nossa). Portanto, apenas compreendemos a complexidade da poesia e do poético se aceitamos que a poesia é um acontecimento de linguagem que nunca permite ser lido ou traduzido na sua plenitude.

Assim, Derrida também pontua sobre o fazer poético, comparando esse a um acidente, ou seja, uma catástrofe que deixa o ouriço vulnerável, colocando sua vida em risco, mas também, levando-o a defender-se. Sendo assim, afirma que “não existe poema sem acidente, não existe poema que não se abra como uma ferida, mas também que não cause ferimento” (DERRIDA, s/d, p.43, tradução nossa).

A palavra “acidente” também diz respeito ao modo imprevisto como o poema é construído, pois, segundo o autor, o processo de criação poética é natural, espontâneo, sem que haja a necessidade de fórmulas, ou, metaforicamente falando, o ouriço não deve estar submetido ao adestramento. Assim, o poema está além da razão e configura um encantamento silencioso:

[...] um animal enrolado, feito um novelo, envolto em torno do outro e em torno de si, uma coisa em suma, modesta, discreta, próxima da terra, a humildade apelidada, transportando assim o nome, mas além do nome, um ouriço catacrético de espinhos para fora, quando este cego sem idade ouve, mas não vê chegar a morte. (DERRIDA, s/d, p.44, tradução nossa)

Jacques Derrida destaca também que o poema não é assinado simplesmente por quem o escreveu, já que o sentido do texto depende da intervenção de um leitor. Ao poeta, cabe apenas um único desejo: “aprender *par coeur*”, desejo esse que vai além de todos os sentidos e volta-se somente para o ensinamento do coração. Dito de outro modo, trata-se de uma busca de sentido que estará sempre entre a razão e o coração.

3. O não pertencimento da língua

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

Com base no estudo realizado, pode-se dizer que a obra de Derrida é muito marcada pela reflexão sobre a linguagem e a constituição da significação. Por isso, é relevante mencionar que, além de outras obras (1972, 1986) sobre o assunto, incluindo “Che cos’ e la poesia?” (1988), Jacques Derrida resume, de certa maneira, na entrevista concedida a Évelyne Grossman recolhida na obra “A Língua não pertence” (2001), a relação entre poesia, língua, tradução e intervenção do sujeito.

O diálogo se inicia com um questionamento sobre o encontro do filósofo com o poeta Paul Celan⁶, que foi colega de Derrida na Escola Normal Superior e, pouco tempo depois de se encontrarem pela primeira vez, o artista judeu cometeu suicídio. A poesia de Celan é emblemática para a questão que se discutirá nesta entrevista, qual seja: o não pertencimento a uma língua.

Após essa breve introdução, o entrevistado refere-se à língua, ilustrando-a a partir da relação do referido poeta com o idioma alemão. Segundo Derrida, Celan, que não era alemão, tentou uma “assinatura singular” na língua alemã, mas sem se apropriar dela: “Ele modifica a língua alemã, toca a língua, mas para tocá-la, é preciso que ele a reconheça, não como a sua língua, pois creio que a língua nunca pertence, mas como a língua com a qual decidiu explicar-se” (DERRIDA, 2001, p.7).

O filósofo dará ênfase à questão do não pertencimento das línguas, apontando para o fato de que, nunca, nenhum falante de uma língua se apropriará dessa completamente. Logo, para ele, a língua não pertence, ou seja, não nos apropriamos totalmente dela, mesmo se é nossa e materna.

Paul Celan, que também era tradutor, não traduziu apenas do inglês, do russo e de outras línguas, mas trabalhou no interior do próprio alemão, já que cada poema do escritor pode ser considerado uma obra escrita em de um idioma novo, porém sempre com a “herança alemã” (DERRIDA, 2001, p.7). Nesse sentido, Celan “habitou enquanto poeta” a língua alemã, embora não tenha se apropriado dela. É importante dizer, como o filósofo francês ratifica, que, apesar de termos

⁶ Poeta judeu de língua alemã, Paul Celan nasceu em Czernowitz (Bukowina) em 1920, de onde foi levado a um campo de trabalhos forçados. Seus pais foram mortos em um campo de concentração nazista, do qual Celan conseguiu fugir. Informação disponível no site: www.culturapara.art.br/opoema/paulcelan/paulcelan.htm. Acesso em 06 de janeiro de 2012.

IV **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

apenas uma língua, ela não nos pertence, ou seja, nunca nos apropriamos completamente de uma língua.

Derrida destaca que a língua simboliza algo que herdamos de uma forma não passiva, já que a transformamos: “[...] quando nascemos em uma língua, nós herdamos algo, porque ela já está aí antes de nós, é mais velha do que nós, sua lei nos antecede. [...] Para um ser finito não há herança que não implique em uma espécie de seleção, de filtragem. [...]” (DERRIDA, 2001, p.12). Em outras palavras, qualquer língua permite inúmeras, ou talvez, infinitas modificações, mas nunca permite que nos apropriemos totalmente dela.

Até mesmo as línguas maternas não deixam pertencer-se por completo. Nesse caso, o que existe, na verdade, são os desejos de apropriação, que movimentam gestos de posse, como, por exemplo, o nacionalismo. No entanto, esse representa um gesto ingênuo, pois não se concretiza por completo. Portanto, consoante ao filósofo: “Mesmo quando só temos uma língua materna e estamos enraizados em nosso local de nascimento e em nossa língua, mesmo nesse caso, a língua não pertence” (DERRIDA, 2001, p.9).

4. As noções de poesia e língua propostas por Jacques Derrida

Percebe-se aqui que as definições concernentes ao poético, propostas por Jacques Derrida, coadunam-se com a noção de língua levantada pelo filósofo francês. Conforme aponta, faz parte da natureza da língua não deixar que se apropriem dela, mesmo sendo uma língua materna. É possível, então, tocá-la, reconhecê-la, mas nunca há uma apropriação plena, o que nos remete a noção de poesia, a qual resiste às tentativas de manipulação: a palavra se recolhe, logo, o ouriço se recolhe.

Assim, na poesia de Celan, por exemplo, há um recolhimento e uma exposição simultânea da palavra, pois, do mesmo modo que ela vem do coração e torna-se poema, ela recolhe-se quando tentam manipulá-la. Por conseguinte, não é possível que haja uma apropriação completa da língua e a trajetória de Celan evidencia isso, mesmo porque ele transforma a língua alemã para que ela fale o seu idioma.

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

Em “A Língua não Pertence”, Derrida também afirma que Paul Celan utilizava uma língua eternamente viva, a qual trabalhava pela morte e pela negatividade, trazendo, dessa forma, a vida dos espectros e o trabalho do luto, já que a poesia de Celan é marcada pela dor e pela angústia do nazismo. Sob essa ótica, o filósofo francês discorre sobre a “errância espectral das palavras” (DERRIDA, 2001, p. 12-13), que diz respeito à reparação da palavra, ou seja, o poeta “dá passagem a eventos de escrita que dão um novo corpo a essa essência da língua, que a fazem aparecer em uma obra” (DERRIDA, 2001, p.13).

A “errância espectral” é a ressurreição, ou reparação da língua, o que é resultado do trabalho do poeta ao lidar com datas e memórias do holocausto, por exemplo. Essa definição (“errância espectral”) também se relaciona com a noção derridiana do fazer poético, o qual é comparado a uma catástrofe, pois, conforme ressalta Derrida em “Che cos’è la poesia?”, não existe poema sem acidente, situação de perigo que deixa a palavra exposta ou, metaforicamente falando, põe a vida do ouriço em risco, fazendo, então, com que esse se proteja sob a forma de um novelo.

No caso de Celan, que era judeu e sofreu com as atrocidades do holocausto, temos a língua alemã sendo ferida e levada à morte com o regime nazista: “A experiência do nazismo é um crime contra a língua alemã. O que foi dito em alemão sobre o nazismo, isso é uma morte [...]” (DERRIDA, 2001, p.14).

Dessa maneira, Paul Celan sentiu *na própria pele* a experiência da língua que reapareceu em sua obra, na medida em que o poeta judeu ressuscitou a língua em seus poemas, o que nos remete a seguinte afirmativa, já citada, de Derrida: “[...] não existe poema que não se abra como uma ferida, mas também que não cause ferimento.” (s/d, p.43, tradução nossa), isto é, na poesia celaniana, a língua alemã, “ressuscitada”, reflete todos os sentimentos negativos aos quais esteve vulnerável.

Ademais, na última parte de “A Língua não Pertence”, o entrevistado ratifica a questão da morte e reparação da língua para Celan, destacando que

Cada poema é uma ressurreição, mas que nos engaja com um corpo vulnerável que pode ser novamente esquecido. Creio que todos os poemas de Celan permanecem, de certa forma, indecifráveis, **guardam algo de indecifrável**, e o indecifrável pode igualmente exigir

IV **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

interminavelmente uma espécie de reinterpretação, de ressurreição, de novos sopros de interpretação, ou muito pelo contrário, perecer, deperecer novamente. Nada garante um poema contra sua morte, seja porque seu arquivo pode ser sempre queimado em fornos crematórios ou em incêndios, seja porque, sem ser queimado, pode ser simplesmente esquecido, ou não interpretado ou letargizado. [...] (DERRIDA, 2001, p. 14-15, grifo nosso).

Sendo indecifrável, a poesia faz um percurso que não é finalizado, pois, comparada ao ouriço, ela constitui um novelo, forma que define o animal como algo complexo envolvido em torno de si mesmo. Assim, a palavra, que representa uma herança não passiva, é tocada, manipulada, transformada, mas nunca é tomada, nem sequer definida por completo, já que nunca pertence.

5. Considerações finais

A análise preliminar das obras “Che cos’è la poesia?” e “A Língua não pertence” do filósofo francês Jacques Derrida permitiu a elaboração inicial de hipóteses e argumentos atinentes à relação entre as noções de poesia e língua, além de ter trazido contribuições para a discussão de temáticas importantes na área da linguagem sob a perspectiva pós-estruturalista.

A metáfora do ouriço, referente à poesia, foi utilizada pelo filósofo francês devido à aparência externa e ao comportamento do referido animal, além de estar relacionado às circunstâncias de perigo e defesa às quais o mamífero encontra-se submetido. Logo, a forma do ouriço, em comparação a poesia, define essa como um elemento envolto em torno de si mesmo, justificando, dessa forma, a sua complexidade e o movimento da palavra na materialização do sentido.

Do mesmo modo que o ouriço se expõe a um acidente no meio de uma rodovia, ele se recolhe, resistindo às tentativas de manipulação e são esses comportamentos opostos que estão relacionados com a definição de língua levantada. Embora existam os gestos de posse, que podem estar voltados a desejos muito fortes de apropriação, como, por exemplo, o sentimento de

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

nacionalismo, a língua nunca pertence, já que não é possível defini-la por completo, assim como não nos apropriamos completamente da poesia, seja na escrita, na leitura ou na tradução.

Temos então, consoante ao que nos diz Derrida, que o gênero poético jamais foi denominado, anteriormente, de maneira tão arbitrária, o que justifica o pedido do filósofo no início de uma das obras estudadas para que o leitor renuncie àquilo que já sabe previamente sobre a poesia. Assim, percebemos a proposta desconstrutivista do estudioso que, mais uma vez, aponta para o rompimento com o modelo logocêntrico e fonocêntrico de linguagem e língua, trazendo mais elementos para que a discussão do modelo gramatológico e dos meandros da constituição do sentido seja aprofundada.

A língua, a partir de uma visão desconstrutivista, não se concebe como um construto abstrato. Ela não existe enquanto tal, independente de um sujeito que com ela interage para produzir significado. Assim, toda a produção linguageira será permeada pelo caráter arbitrário e diferencial da língua, o que implica dizer que a constituição do sentido nunca é pacífica e restará sempre uma ferida a curar.

Agradecimento: Agradecemos ao CNPq o financiamento desta pesquisa - processo 484879/2011-1.

Referências

DERRIDA, Jacques. La langue n'appartient pas – Entretien avec Jacques Derrida. In: *Europe* número 861/862, janeiro-fevereiro 2001, p. 81-91. **A Língua não pertence:** entrevista com Jacques Derrida. Tradução não publicada de Carlos Teixeira.

_____. **Che cos' e la poesia?** Jacques Derrida. "Che cos'è la poesia?" in: *Poesia*. I, 11, November 1988. J. S. Perednik (Tradutor). *Derrida en castellano*. Disponível em <<http://www.jacquesderrida.com.ar/textos/poesia.htm>>. Acesso em 14 de setembro de 2011.

_____. **La Dissémination**. Paris : Points, 1972.

_____. **Parages**. Paris : Gelillé, 1986.

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

_____. **Gramatologia**. Tradução de Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Editora Perspectiva e Editora da Universidade de São Paulo - Coleção Estudos, 1973.